

28 DE SETEMBRO DE 2007

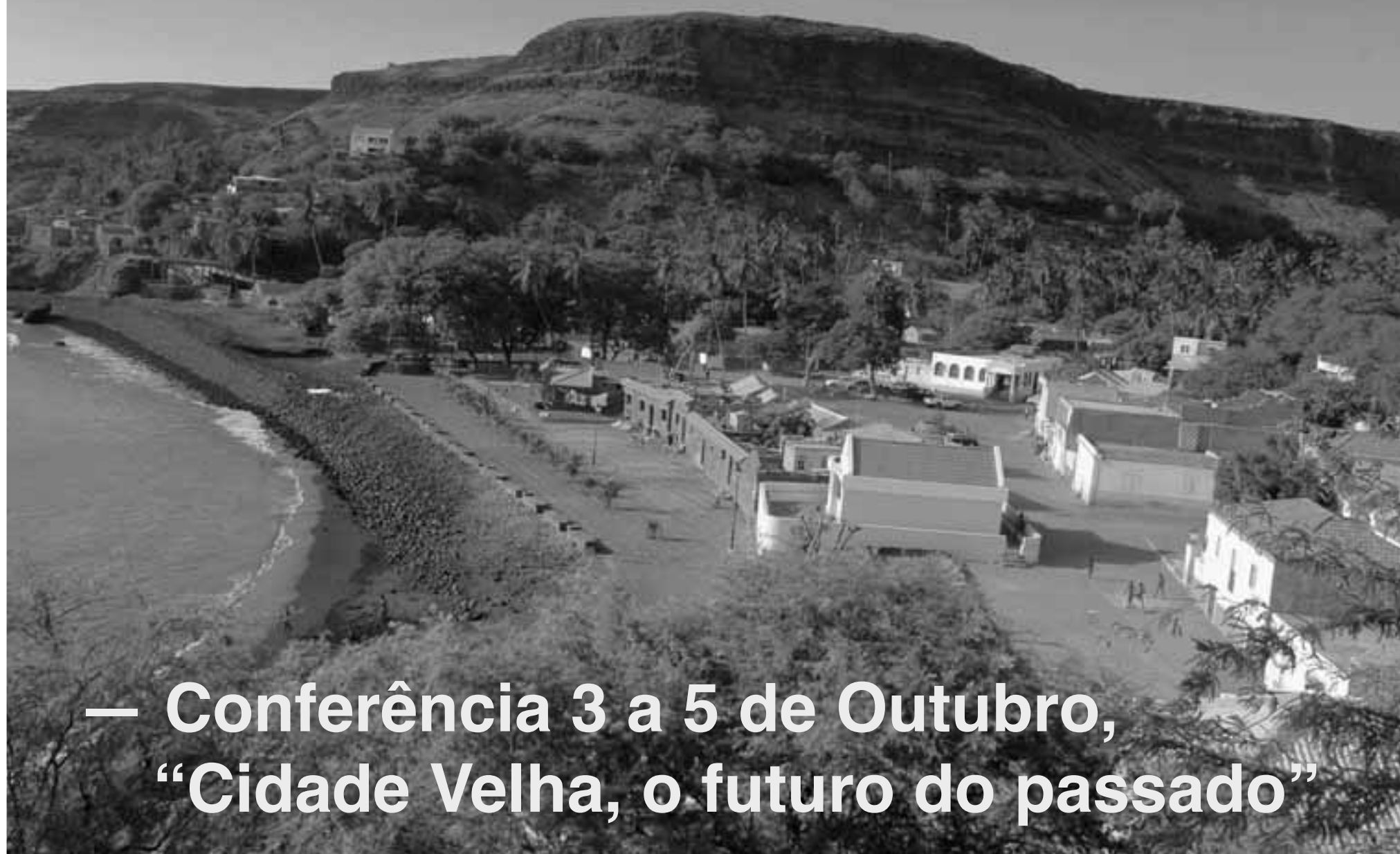


Kriolidadi

CULTURA E VARIEDADES

A SEMANA

Rumo a Património da Humanidade



— Conferência 3 a 5 de Outubro,
“Cidade Velha, o futuro do passado”

Cidade Velha na boca do mundo

A Cidade Velha vai estar na próxima semana no centro dos debates de uma conferência internacional organizada pelo Instituto da Investigação e do Património Cultural. Tendo como lema “*Cidade Velha: O Futuro do Passado*”, o evento integra-se na ofensiva que o governo tem vindo a encetar para fazer daquela parcela de Cabo Verde, que marca o início de uma nova civilização nos trópicos, património mundial da humanidade pela Unesco.

O IIPC, diz uma nota desse instituto, pretende com o evento, a acontecer na Ribeira Grande de Santiago, “*encetar uma reflexão sobre o papel de Santiago de Cabo Verde, a Cidade Velha e as ilhas de Cabo Verde nos séculos XV a XVII, bem como a presença do seu legado na configuração das expressões culturais contemporâneas que conheceram o tráfico negroiro*”.

Durante três dias, temas como “*A Atlantisação da Escravatura*”,

“*A Problemática da Gestão dos Lugares Históricos*” e “*O Património Cultural como Factor de Desenvolvimento*” serão discutidos por especialistas do México, Espanha, EUA, Portugal, Argentina, Cuba, Senegal, Moçambique, etc.

A Comissão Instaladora da Câmara Municipal da Ribeira Grande de Santiago, La Fundación Bosch Gimpera (Universidade de Barcelona), o Ministério da Cultura, o Ministério dos Negócios Estrangeiros e a Universidade de Cabo Verde são os parceiros do IIPC na organização deste evento, que conta ainda com o apoio da Agência Espanhola de Cooperação Internacional e da UNESCO, além da colaboração da Embaixada dos EUA na Praia. O programa completo da conferência pode ser consultado no blog www.cidadevelha-cabo-verde.blogspot.com.

Com esta conferência Internacional, pretende-se reforçar a candi-

datura da Cidade Velha a Património Mundial. Uma candidatura que, nesta fase, caminha a todo o vapor (o “*draft*” do documento a ser apresentado já foi concluído e vistoriado pelo consultor da Comissão de Candidatura) e conta com importantes apoios internacionais.

Martinho Brito, quadro do IIPC e integrante da equipa, disse há dias ao **asemanaonline** que as expectativas em torno da candidatura da Cidade Velha são altas. “*As condições técnicas, os trabalhos feitos e o pulsar do apoio externo levam-nos a acreditar que será desta*”, afirma, que Cidade Velha será declarada património da humanidade. Por outras palavras, a conferência da próxima semana é apenas mais uma etapa dessa grande pretensão. Afinal foi na Cidade Velha que nasceu Cabo Verde e também o lugar onde se procedeu ao primeiro encontro de culturas afro-europeias.



PORTO MADEIRA

O Novo Desafio de

Mizá

Encontrei Mizá no dia em que recebeu a notícia da sua premiação pela ONG Suiça WWSF. Mizá foi agraciada pela criatividade do seu trabalho no meio rural e estava evidentemente, mas também timidamente, feliz pela distinção.

A conversa era suposto ser sobre algo chamado “*Bolsas de Arte*”, descobertas em casa de uma amiga que me revelou ser parte de um projecto de Mizá denominado Arte Nómada. As “*Bolsas de Arte*” são literalmente bolsas contendo uma peça de arte (geralmente uma pintura ou colagem) e que viajam pelo mundo. O artista envia, por correio, a sua obra a alguém que, durante cerca de uma semana, a expõe em sua casa para depois passá-la a outra pessoa, que poderá estar noutra país. Peças de arte nómadas.

No entanto, as Bolsas de Arte são apenas um aspecto a mais de um projecto muito mais abrangente e ambicioso. Entusiasmada, Mizá explicou-me tratar-se de um projecto para o Desenvolvimento do Turismo Rural e Ecológico na localidade de Porto Madeira.

Porto Madeira é uma pequena aldeia do interior de Santiago, concelho de Santa Cruz, que fica a quinze minutos da vila de Pedra Badejo e a vinte da cidade da Praia. É lá que vive actualmente a Mizá.

A origem deste projecto remonta a 1998 e para concretizá-lo a artista criou a ONG ABI-DJAN que conta actualmente com artistas e activistas para o desenvolvimento. Vêm trabalhando em conjunto com a associação Agro - Porto Madeira.

Animada, Mizá explica que o objectivo primeiro do projecto é o de “*reduzir o nível de pobreza e melhorar as condições de vida da população local. Tudo isso passará por criar condições para o turismo rural e ecológico, promover a educação e criar postos de trabalho na localidade*”.

Este projecto já conta quase dez anos e, apesar das dificuldades em conseguir apoios para concretizá-lo, várias acções já foram desenvolvidas. Para além da constante sensibilização da população local para o acolhimento de turistas, a ABI-DJAN construiu na aldeia três estruturas para o abastecimento de água, casas de banho, uma biblioteca que também apetrechou, entre várias outras obras, como por exemplo a cantina escolar e a placa desportiva, ambas por concluir.

Outros aspectos importantes do projecto são a recuperação de casas tradicionais actualmente desabitadas para serem usadas como albergue para turistas; formar os jovens locais na área de hotelaria, artesanato, música dança, culinária, entre outros; construir infra-estruturas para actividades culturais e desportivas e ainda a organizar actividades para os turistas, sempre preservando o meio-ambiente, os costumes e tradições locais.

O aspecto artístico do projecto é algo de muito forte e implica acções concretas e duradouras. A primeira dessas acções chamar-se-á “*Ribeira do Amor*” e consistirá na criação, na aldeia, de uma escultura em homenagem às Mulheres Mitológicas (mulheres que marcaram o mundo pelos seus feitos), na escrita e na pintura. Outro tributo será feito aos poetas cabo-verdianos através do chamado “*Caminho de Poeta*”. Ao longo de 2 km da estrada que atravessa a localidade serão instaladas placas contendo versos de poetas cabo-verdianos.

“*Agosto de 2008 será o momento alto do projecto*”, revela Mizá no seu tom calmo, a deixar escapar um sorriso que revela alguma expectativa. Nessa altura, artistas de várias proveniências com quem tem mantido contacto ao longo dos seus anos de estrada, chegarão a Porto Madeira para aí viverem e trabalharem durante algum tempo. “*Alguns deles ficarão mesmo alojados nas casas de habitantes locais. Durante o tempo que aí estiverem, irão intervir artisticamente no aspecto das casas e mesmo da aldeia. Quando partirem, o seu trabalho permanecerá aí*”.

Os artistas também tomarão parte em workshops e por isso a ABI-Djan está interessada em, para além dos jovens locais, conseguir a presença de representantes de cada uma das outras ilhas.

Mizá parece estar consciente de que a obra a fazer em Porto Madeira é um trabalho de formiga, a executar etapa a etapa. Contudo está optimista relativamente a 2008. Acredita que, nessa altura, Porto Madeira estará mais desenvolvida e pronta para novos desafios.

Chissana Magalhães



Fotografias de Omar Camilo nos Discos Harmonia

O fotógrafo e realizador cubano/cabo-verdiano Omar Camilo assinou um contrato com a Harmonia, Lda., pelo qual passa a fornecer as fotografias para os encartes de CDs dos artistas filiados nessa editora discográfica.

Tudo começou no ano passado com um convite do músico brasileiro Ricardo de Deus para o seu primeiro CD a solo. As fotografias que Omar Camilo fez para "Fragmentos" parecem ter agradado, tanto que depois surgiu o convite para produzir um trabalho semelhante para as Batucaderas da Cidade Velha e do Tarrafal. Seguiram-se fotos para os encartes dos CD's de Teté Alinho e Frederico Hoppfer Almada.

Mais recentemente, Omar Camilo trabalhou com Tcheka nas fotografias para o próximo CD do artista, "Di Longi", numa das experiências profissionais mais positivas que já viveu. "Foi maravilhoso. Estive em Ribeira da Barca, onde ele cresceu, porque eu quis fotografá-lo como ele é, no seu ambiente. Não sigo a tendência de tentar europeizar as pessoas que retrato. Penso que a fotografia de alguém tem que se parecer com essa pessoa. Não só fisicamente, mas transmitir aquilo que ela é na essência".

Para o fotógrafo, esta nova experiência tem sido muito gratificante visto que através dela pôde dar vazão à sua preferência de fotografar pessoas, ao invés de objectos inanimados. "Eu realmente gosto mais de fotografar pessoas. E se forem primeiros pla-

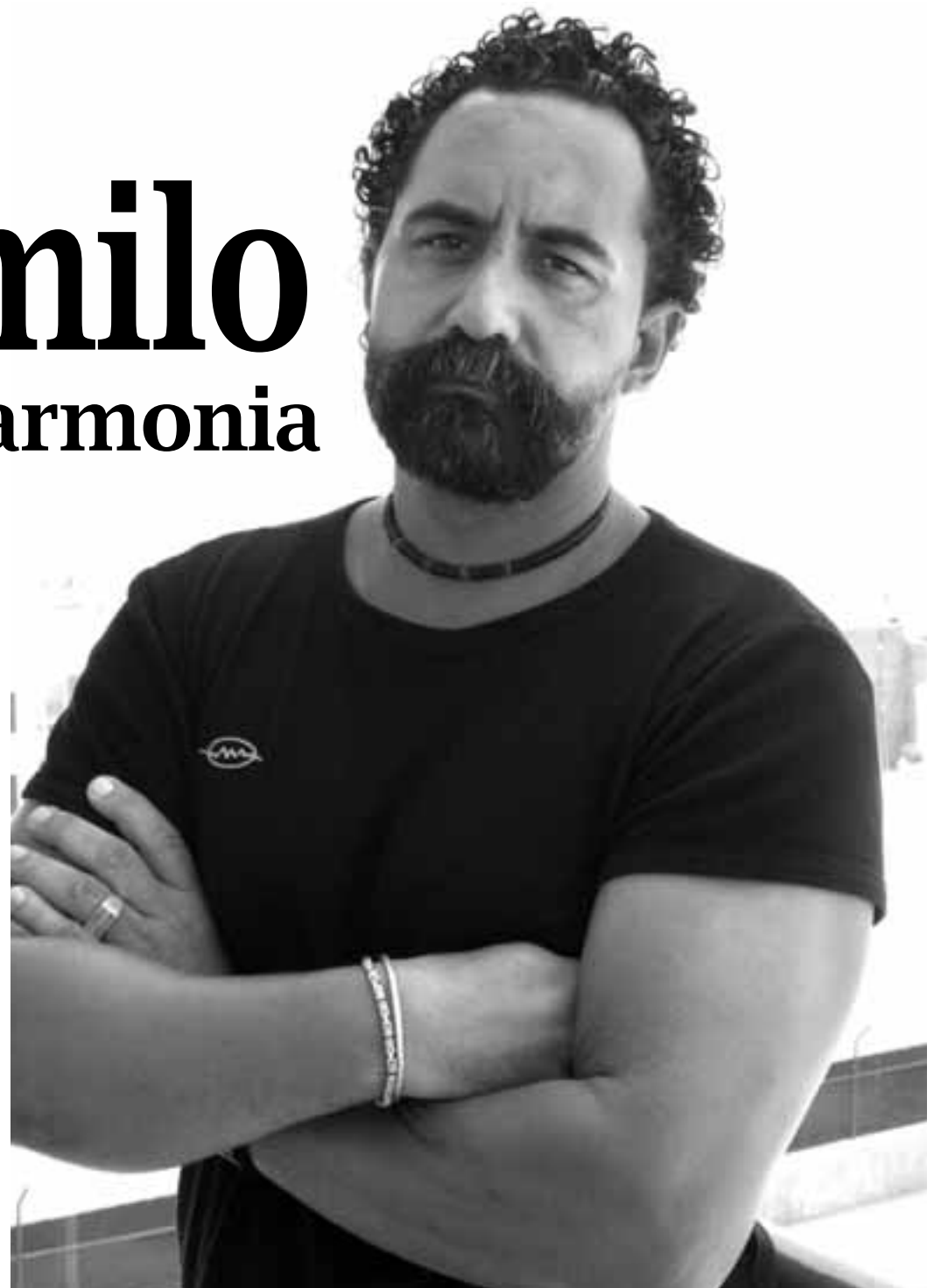
nos então, melhor", diz. Além disso, sendo um apreciador de música, sente-se honrado por poder participar nesse casamento entre o som e a imagem e parabeniza a Harmonia pela preocupação com a "embalagem" em que o trabalho dos seus artistas é apresentado, porque afinal esta será a primeira coisa que o público verá do trabalho.

"De facto, para um trabalho de qualidade não basta alguém que aponte uma máquina dispare e pronto. Um fotógrafo de verdade tem que perceber daquilo que faz, tem que ter noção dos códigos da imagem, conhecimentos de semiótica visual, de estética e, nesse caso, até de música tem que perceber um pouco. Não compreendo porque para ser médico ou aviador alguém tem que estudar e aprender durante anos mas para ser fotógrafo, ou artista de modo geral, qualquer um que faça duas coisinhas já é considerado artista", desabafa o fotógrafo.

Provocador, diz que entre os seus projectos futuros, para além das fotografias para o CD de estreia de Princezito, encontra-se "a realização de uma mostra de cinema não-pobre".

Numa altura em que a pirataria de CDs continua a dar dor de cabeça às editoras discográficas, a Harmonia, Lda. continua a investir na qualidade dos CDs originais apostando, para além do talento dos seus artistas musicais, na estética dos encartes para valorizar os CDs originais.

Chissana Magalhães



Mini Bio

Omar de la Caridad Pérez Hernández nasceu a 23 de Dezembro de 1964 em Havana, Cuba, tendo para além da nacionalidade cubana também a cabo-verdiana.

Licenciado em Direcção de Cinema e Televisão pelo ISA (Instituto Superior de Artes), Cuba, e com várias pós-graduações entre as quais uma em Semiótica da Imagem, Omar Camilo vive em Cabo Verde desde 2001. Trabalhou para a TCV onde também ministrou várias formações e em 2002 inaugura a sua primeira exposição fotográfica no Palácio da

Cultura a que se seguiram várias outras. Como documentarista, Omar Camilo organizou em Santo Antão e São Vicente um Festival de Cinema Cubano e fundou um Cine Clube na cidade do Porto Novo, tendo também realizado vários documentários. Desde 2005 que trabalha para a Agência Lusa tendo fotografado para esta agência de informações os exercícios da NATO, em S. Vicente. Ao longo de 20 anos de carreira, Omar Camilo recebeu vários prémios e indicações pelos seus trabalhos em televisão, cinema e fotografia.



Guty Duarte grava 1º CD a solo

O sonho de Guty Duarte - a estreia em disco a solo - é já uma realidade. As gravações ocorreram na Praia, durante o Verão, no estúdio de Kim Alves, que também orquestrou e tocou vários instrumentos acústicos. O produto final, que deverá chegar ao mercado em Dezembro deste ano, "é um rico trabalho, com composições inéditas, muito bonitas", diz Guty Duarte.

Entre as 12 composições do primeiro CD a solo de Guty Duarte, há uma muito especial: Flan pamodi. Um batuco que Guty Duarte co-escreveu com Bino Barros e agora se "atreveu" a pôr no repertório deste seu disco de apresentação. "Tenho outras composições, mas ainda não

tive coragem de mostrá-las a ninguém. Sou novata neste mundo da composição, em que há gente com muito talento", declara Guty.

Entre essa gente talentosa estão Kim Alves, Auras, Kaká Barbosa, Vuca Pinheiro, Calú di Guida, Djim Djob e Kalu Monteiro que disponibilizaram alguns temas seus para o disco de Guty Duarte. Poemas com ritmo de semba, funamba, funaná lento, coladeira e batuco. "Todas as composições são inéditas", assegura a cantora cabo-verdiana residente em Miami, Florida (EUA).

A banda que com ela as tocou, e da qual fizeram parte Tó e Kako Alves e Totinho, é mais pequena do que o habitual - o que

se explica com uma palavra polifonia. A de Kim Alves foi o homem da rabeça, da guitarra, da percussão e algo mais. "Estou muito satisfeita porque acompanhei todo o processo de gravação e vi como o Kim pôs o corpo e a alma neste meu disco", confessa Guty Duarte que ao estúdio também convidou Samira e Vadú (coros), Menu Pecha e Zé Rui (com quem fez duetos), Biús (que tocou duas músicas) e Gil Moreira (autor do finação de Flan pamodi).

Agora, à Guty Duarte resta esperar pelo fim dos trabalhos de mixagem e masterização, que estão agora em curso. "Espero que tudo esteja pronto em Dezembro", afirma optimista a cantora.

Teresa Sofia Fortes

O 5º CD de Teófilo Chantre

Viajá, o quinto álbum a solo de Teófilo Chantre, chega ao mercado discográfico em Outubro. Neste disco em crioulo e francês destaca-se o dueto com Mayra Andrade no tema Segunda Geração e a performance de duas gerações de guitarristas cabo-verdianos, Bau e Hernâni, num conjunto de 13 temas originais de Teófilo Chantre. Um autor músico cuja marca registada é a elegância e a sofisticação.

Emigrante em França, Teófilo Chantre não esquece as suas raízes, que estão firmadas nas ilhas de São Nicolau e São Vicente, e defende a tradição do San Jon em Toca Pilon, o 10º tema de Viajá. Ousado, Fifi, como é carinhosamente chamado pelos amigos, compôs o poema para um dos mais famosos temas de Bau – Raquel – que também interpreta, acompanhado pelo autor da música na guitarra e cavaquinho.

Relembrando parte da história comum de Cabo Verde e Guiné-Bissau, Teófilo Chantre canta Apel pa tude naçon e Tchoro Guiné. E dá mais um passo em aproximação à francofonia com dois temas – Comme on aime e Dérobade –, escritos em parceria com Marc Esteve, autor com quem já partilhara a escrita de um tema em francês (Des Bleuets dans les blés) no disco Azulando.

Teófilo Chantre também pisca o olho a de Santo Antão em Oh M' dalena e entoia uma ode à integração cantando Segunda Geração com Mayra Andrade. Nestes, como nos restantes seis temas de Viajá, o cantor cabo-verdiano dá mostras de maturidade, segundo a crítica francesa, ao mesmo tempo que arrisca incorporar sonoridades novas. Mas não é só por isso que Fifi está na boca do mundo.

Este ano, Teófilo Chantre é o eleito das vozes femininas cabo-verdianas e não só. Na segunda edição do seu disco Tradição, lançado em Julho último, Gabriela Mendes canta uma versão francesa do tema que dá título ao disco, escrita por Teófilo Chantre. E Nancy Vieira canta Esperança de Mar Azul, também da autoria de Chantre, em dueto com Tito Paris no seu mais recente disco, Lus.

Fifi também entrou na onda dos duetos e canta a sua composição Crepuscular Solidão, celebrizada na voz de Cesária Évora, com Mariana Ramos no disco Mornador da cantora cabo-verdiana que sai em Novembro. E a cantora italiana Ornella Vanoni escolheu dois temas de Chantre – Tortura e Roda Vida – para fazer parte do seu próximo disco.

Teresa Sofia Fortes



Une enfance sirocco

Nicole de Pontcharra, escritora francesa de origem russa, apresentou ontem, 27, na Alliance Française do Mindelo, S. Vicente, o seu livro "Une enfance sirocco". Uma obra que conta a história de duas irmãs russas e órfãs que vão viver com uma tia em Marraquexe, Marrocos, no pós-II

Guerra Mundial, e descubrem o outro mundo que é a cultura árabe. A história de "Une enfance sirocco" é, em parte, a infância de Nicole de Pontcharra. A escritora, de 72 anos, nascida em Lyon, França, viveu em Marrocos na adolescência (1945-1955) e apaixonou-se pela cultura marroquina. "Ela está próxima do mundo e da cultura árabes, sem negar os seus laços com a Rússia e com a Europa Oriental", escreve o website www.editmanar.free.fr. A sua bibliografia e carreira artística demonstram isso mesmo.

Mentora dos primeiros intercâmbios entre poetas e artistas do mundo árabe e europeu, Nicole de Pontcharra organizou, em 1984, a primeira exposição colectiva de pintura marroquina contemporânea em França e dirigiu em 1999 o número especial da "Revue Noire" dedicado a Marrocos. Entre 2000 e 2006, foi comissária do Salão do Livro de Tânger. Entrementes, publicou 19 livros, cujo enredo quase sempre refere Marrocos e o Magrebe.

"Une enfance sirocco", editado em 2000, é o último e tem como protagonistas as irmãs Victoria e Irma que, depois de ficarem órfãs no dia em que a França foi libertada do jugo nazista, em 1944, vão morar em Marraquexe com a tia Catherine. Ela, para romper com o conformismo colonial, escolheu viver no meio dos marroquinos, não no Guéliz, a parte europeia da cidade. Victoria e Irma são, assim, iniciadas no Marrocos real, suas cores, seus cheiros e rostos.

TSF



Kiki Lima expõe "Dinheiro Nosso Dinheiro no quotidiano"

Pode o dinheiro inspirar alguém a pintar? Para Kiki Lima, "qualquer tema pode inspirar". Daí que quando o BCA o convidou a criar uma exposição sobre o vil metal, em celebração do 14º aniversário daquela instituição financeira, Kiki Lima não se fez de rogado e montou "Dinheiro Nosso - Dinheiro no quotidiano". A amostra está patente até amanhã, 29, na Mediateca do Mindelo.

O dinheiro está ligado a quase tudo o que fazemos na vida. Portanto, não será problemático pintar sobre a matéria, pelo menos segundo Kiki Lima, ele limitou-se "a fazer uma abordagem em que, apesar do dinheiro ser a figura central, ele não aparece nos quadros forçosamente como tal, o que dá à exposição uma certa maleabilidade".

Montada especificamente para a Mediateca do Mindelo, esta amostra forçou Kiki Lima a conceber uma montagem diferente do habitual. "Não podia furar as paredes nem usar expositores, daí constituir blocos de quatro quadros, que foram suspensos entre os pilares da sala, o que deu um aspecto diferente à mostra", conta Kiki.

Mas Kiki Lima não trocou de estilo nesta mostra, que também inclui cinco peças de escultura. Grosso modo, continuam as pinceladas largas. Contudo, explica o pintor, tendo em conta que trabalhei sobre um tema específico, "alguns traços são mais definidos onde foi preciso desenhar melhor uma cara para ter mais expressão".

TSF



Festival de Mornas homenageia "Mestre Kanar"

A cantora mindelense Lutchinha, residente nos Estados Unidos da América, é a cabeça-de-cartaz da 7ª edição do Festival de Mornas da Boa Vista, que acontece hoje, 28, e amanhã, 29. Este festival, como já é tradição, homenageia uma figura popular da ilha, sendo o eleito deste ano Januário Morais, mais conhecido por "Mestre Kanar".

Noel Fortes, um dos principais mentores do evento, garante que tudo está a postos para o arranque, logo mais, de mais um festival de mornas, a 7ª edição, que vai reunir cerca de três dezenas de intérpretes deste género musical. "Estamos a trabalhar para que o nosso festival de mornas seja um palco de diversidade, que esse encontro seja uma grande serenata, com a presença de grandes vozes da Boa Vista", afirma Fortes, acrescentando que haverá participantes de diversas localidades da Boa Vista. O Festival, como sempre na Praia de Diante, decorre sob o lema "Natureza, Fonti de inspiração" e homenageia uma figura popular da ilha, Januário Morais. Este que é mais conhecido por "Mestre Kanar", inscreve assim o seu nome, no livro dos participantes ilustres deste festival, tais como Paulino Vieira, Humbertona e Betina Lopes.

Orçado em 500 contos, o Festival de Mornas da Boa Vista conta com a parceria da Câmara da Boa Vista e patrocínios pontuais de algumas instituições e da população local. A convidada especial desta edição, Lutchinha, nasceu em São Vicente e já editou um único trabalho intitulado "Castanhinha", em 2004, que tem feito sucesso no mundo lusófono.

Constância de Pina

Artistas plásticos oficializam união



Depois de decidirem que precisam caminhar juntos em prol da arte, os artistas plásticos de Cabo Verde oficializam a sua associação em Outubro próximo. Está prevista para os primeiros dias desse mês a primeira assembleia-geral da Associação Caboverdiana de Artistas Plásticos (ACAP).

A ACAP já nasce cheia de fôlego. Paralelamente à assembleia-geral, onde vão ser debatidos os principais problemas dos artistas nacionais e apresentado o plano de trabalho da direcção eleita, a associação organiza para a primeira quinzena do mês uma exposição colectiva. A realizar-se no Centro Cultural do Mindelo, a mostra irá apresentar, durante quinze dias, trabalhos de diversos artistas de São Vicente.

Realizada que for esta primeira actividade com o selo da Associação, os responsáveis da ACAP vão iniciar o trabalho de legalização, além de um levantamento dos artistas dos diferentes municípios do país. Isto porque, segundo João Fortes, à frente dos destinos da ACAP, “queremos que todos façam parte da nossa base de dados e tomem parte das nossas actividades”.

E no que se refere às actividades, João Fortes vai adiantando os planos que têm para a associação, sendo um deles a realização de uma bienal para que os trabalhos dos artistas nacionais sejam conhecidos pelo grande público. Constatam, igualmente, dos projectos traçados para a ACAP, acções de formação voltadas para crianças e jovens. Aqui destacam-se, segundo o entrevistado de **Kriolidadi**, ateliers de escultura, artes gráficas, técnicas de cores, batik, tapeçaria, entre outros.

Paralelamente a isto vai-se trabalhar no sentido de defender as obras dos artistas nacionais. Isto numa realidade em que, segundo Fortes, os artistas nacionais estão a ver o país sofrer “uma invasão de obras da Costa de África e do Brasil”. A realidade mostra, segundo esse artista e observador do quotidiano, que essa concorrência tem dificultado a vida a muitos artistas nacionais.

Estas são questões que a primeira direcção da ACAP vai ter em mãos. E para tal cria condições de funcionamento. Neste momento, e já com 50 sócios, a associação está a funcionar provisoriamente na Interart. Mas, segundo João Fortes, já pediu “à Câmara Municipal de São Vicente que nos disponibilize um espaço. E o vereador da Cultura prometeu um espaço, que será provisório, até termos uma casa própria.

Casa da Memória volta aos filmes

A Casa da Memória, em São Filipe, volta a oferecer cinema, com a exibição regular de filmes. A primeira sessão aconteceu na última sexta-feira, 21, com o filme “Kramer contra Kramer”.

Programada, ou não, a retomada do cinema acaba por marcar o sétimo aniversário desta Casa da Cultura. Inaugurada em 2001, tem vindo a cumprir o seu primeiro objectivo, a exposição permanente de objectos que evocam o passado da cidade e da ilha.

Patrocinadas pela Fundação Esperança, as conferências ou “conversas informais”, focando temas de história e literatura, são o segundo objectivo do programa da Casa da Memória. Ao longo destes dois últimos anos, e assim cumpria o seu terceiro objectivo, uma atenção espe-

cial foi dada à organização de uma pequena biblioteca especializada, com sala de leitura que já funciona.

Pelo trabalho que tem feito desde a sua abertura, em 2005 a Casa da Memória foi distinguida pelo governo com o 2º grau da medalha de mérito em reconhecimento pelo seu contributo à cultura.

Neste ano de 2007, a direcção da casa acredita que é possível chegar ao quarto objectivo: dar uso ao grande pátio interior do então “armazém”, ao exhibir filmes. Para isso, conta com a parceria do Ministério da Cultura que apoiou com uma quantia de 200 contos, para a aquisição de materiais audiovisuais.

Kramer Contra Kramer foi o primeiro filme escolhido para esta nova aposta da Casa da Memória. A pelvícu-

lo que põe em foco as relações e os sentimentos humanos e familiares, a luta do pai, entre a carreira e a família, a realização da mulher/mãe, o casamento, a separação, o divórcio, a guarda de um filho menor, a relação entre os pais e o filho, a reconciliação. Com 105 minutos, o filme em inglês é legendado em português.

Para esta sexta-feira, 28, está agendado o filme “Driving Miss Daisy”, que aborda um período de grandes mudanças na mentalidade do sul dos Estados Unidos. Miss Daisy, que é judia, e o seu motorista, que é negro, tornaram-se amigos e confidentes, algo impossível de acontecer nos anos 50 em Atlanta, um dos estados americanos mais conservadores e preconceituosos na altura.

Nicolau Centeio



Luísa Queirós

Um jeito periférico de ser

TEXTO E IMAGEM: CÉSAR SCHOFIELD CARDOSO

Uma vez li que todo o ser humano nasce com uma capacidade infinita de sonhar, mas que aos poucos a sociedade vai castrando isso, chegando ao ponto de transformar certos seres humanos em não-sonhadores; chegando ao ponto de transformar certos seres humanos em ignobres totais. Que piada teria a vida sem a capacidade de sonhar? Que seria do planeta sem a fantasia? Sonho e fantasia serão meras bandeirolas que se penduram num dia e se deitam fora no dia a seguir, ou serão bens essenciais como o pão?

De menino, cresci com fadas, magos, bruxas e feiticeiras. Nasci em S. Vicente, onde seres com super poderes gostam de aninhar. Luísa Queirós, um desses seres, tem a especialidade de encantar meninos com cores e bichinhos mágicos. Eu ficava perdido no meio das imensas coisas bonitas que enfeitavam as antigas instalações do Centro Nacional de Artesanato. Mas no meio daquilo tudo, alguma coisa de Luísa tocou o meu coração de criança. Não sei se foram as cores, nem se foram os bichos estranhos que ela desenha, nem tenho bem consciência em que precisa altura desta pequena idade em que tal aconteceu, mas sei que foi na fase da criança que a vida é um sonho. Eu penso que ela terá pintado um dos meus sonhos, sem saber.

Era um dia perfeitamente quotidiano, não tinha nada para fazer, nem mesmo vontade de ter algo para fazer e fiz o que faço nesses momentos de menos dignidade na vida de uma pessoa: deitei-me no sofá a olhar para a televisão. Ainda bem, porque passavam uma entrevista com Luísa, a feiticeira da minha infância. Vê-la na televisão era uma coisa muito rara. Nunca percebi se isto se deve à sua personalidade ou ao abandono característico que esta terra vota os seus mais ilustres moradores. Esta entrevista se passou há um par de anos. Lembrei-me agora disso escutando "*Ritual Periférico*" de Vasco Martins, e vendo para a capa do disco que Luísa Queirós ilustrou. A música e a imagem desse disco fazem parte da mesma viagem por cantos fantásticos de um Cabo Verde de sonhadores profissionais. Também não me lembro do porquê da entrevista, nem dos assuntos tratados. Lembro-me só de a olhar intensamente. Tinha a pele já um pouco acariciada pela idade e falava numa voz calma como o azul dos seus quadros. Ela ouvia cada pergunta serenamente e respondia igualmente serenamente. Eu espreitava para dentro da televisão, para o cantinho que me parecia ser a sua casa, tentando ver todas as coisinhas que vivem junto dela: os potinhos de tinta, os lápis, os pincéis, toda uma variedade de recipientes, panos e utensílios. Nunca a conheci pessoalmente, nem

devo. Poucos devem conhecer as feiticeiras ou ir às suas mansões mágicas; o perigo é de se ficar irremediavelmente alucinado. Se olhar para os seus quadros já me deixava num estado de hipnose, quanto mais. Sempre imaginei que a sua casa se parecesse com o fundo do mar e tivesse pedras preciosas. Enfim, não era bem assim, mas estava ali sentado à frente da televisão, me sentindo um menino.

Quando a minha filhota nasceu, um dos primeiros livros que comprei foi "Saaraci", texto e ilustrações de Luísa Queirós. Fiz a dedicatória: "Para Naia, de Papá". Arrumei o livrinho na estantinha do seu quarto, a aguardar que ela aprenda a andar nas nuvens. Entretanto, é o papá que de vez em quando vai lá espreitá-lo. Percebi inteiramente a frase que ela escreveu na introdução: "...a todas as crianças sem qualquer idade". Li as estorinhas e encantei-me eu próprio, uma criança de barba rija. Lendo e vendo para os bichinhos, que ela descreve com um profundo amor, mesmo aqueles que concebemos como uma praga, no caso um gafanhoto, vejo que Luísa continua a ser uma feiticeira. Tal como ela, também não quero deixar de ser criança e de me embalar nas costas de uma linda tartaruga. Presumo que esta senhora nunca tenha querido deixar de ser criança; talvez nunca tenha deixado de ser e por isso brinca com os seus bonequinhos pintados. Que livros terá à cabeceira da cama? Que sonhos terá? Presumo que sejam extensos passeios por este país interminável, feito de oceanos, enseadas e praia secretas. Continuava simplesmente a vê-la, sentada à frente do entrevistador, quase imóvel, embora a imaginasse a levitar e a flutuar. Falava mas não a ouvia, aliás nem me interessava, porque tinha aprendido a perceber a sua linguagem das cores e dos traços, de maneira que aquela comunicação alfabética que tinha com o entrevistador, com as habituais perguntas de treta, me parecia perfeitamente desinteressante. Só via para a cara da senhora e ruminava a lembrança da minha iniciação mágica no mundo da pintura e do desenho.

Não sei que tipo de pretensão é esta da minha parte, talvez seja pelo facto de prestar particular atenção ao trabalho desta artista, mas fico sempre um pouco indignado quando desato a falar dela e vejo que poucas pessoas já viram, ou já ouviram falar, ou tem vontade de ver, ou tem vontade de ouvir falar... Como é possível passarmos ao lado do maravilhoso universo dos infini-

tos pontinhos coloridos que ela desenha, um a um, como se cada um fosse um único e precioso planeta? Como é possível que uma pessoa nunca tenha encontrado as encantadoras criaturas, que andam por aí, que ela cria? A maioria das pessoas não distingue um azul esverdeado de um verde azulado; a essas não vou pedir que façam esta viagem, mas ao eminente intelectual, que muitas vezes cabe a missão de indicar o caminho aos demais de nós, deve saber que uma civilização também se faz puramente de imaginação. É que uma ilha em si, ou qualquer outro pedaço de terra, por mais bonita, tem uma beleza finita. É possível contar quantas praias paradisíacas temos. É possível enumerar as belezas naturais que temos. É possível inventariar essas coisas. Não é no entanto possível inventariar as intermináveis estórias maravilhosas que os sonhadores conseguem criar: uma pedrinha pode ser um reles mineral, ou pode ser uma entidade; uma concha pode ser um molusco morto ou pode ser um instrumento musical; uma gruta escondida pode ser um buraco insignificante ou pode ser um outro planeta... Toda a terra humana tem um fantástico; uns mais, outros menos.

Enquanto via Luísa Queirós e o entrevistador na conversa, que não me lembro de palavra nenhuma, fazia mentalmente um balanço das tantas coisas que ela já fez – os panos-batik, as ilustrações, os quadros – e não me saía da memória um quadrinho dela exposto num Banco Comercial, uma aguarela lindíssima, em que o papel já ficou todo torto dentro da moldura. É assim, as senhoras do atendimento já sofrem de um azedume grave, de maneira que se pedisse que arranjassem o quadro, ainda seriam capazes de me cuspir algum veneno mortal. Se escrevesse para o Banco a pedir que tenham um pouco de respeito pela arte, ainda são capazes de me mandar para algum lugar! De maneira que continuo a olhar para o quadro torto e a perguntar: o que acontece com a poesia que todo o ser humano devia ter dentro do peito?



Cinema em casa

Half Nelson. De Ryan Fleck, com Ryan Gosling, Shareeka Epps e Anthony Mackie. EUA, 2006.

Um professor de História de uma escola secundária de Brooklyn tenta ensinar aos seus alunos o Movimento Civil nos EUA, ao mesmo tempo que inicia uma peculiar amizade com uma das suas alunas quando esta descobre a sua, toxicod dependência. Em tempos de início de ano lectivo, um olhar pelo sistema educativo norte-americano, onde o pouco interesse dos alunos pela história do seu país é mais um motivo de frustração na vida de um professor deprimido (excelente Ryan Gosling, nomeado para o Óscar pelo seu desempenho). Este procura resgatar uma das suas alunas do mundo das drogas mas acaba por ser ele o resgatado. Atenção à actriz Shareeka Epps que, apenas com a força física da sua interpretação, consegue dizer-nos tanto sobre a sua personagem, uma adolescente negra de Brooklyn, filha de mãe solteira.

Visite

Continua patente, no Centro Cultural Francês, a exposição Trilogia da Cultura Santiaguense, com peças de arte déco de Taia, arte interactiva de Misá e arte étnica dos Rabelados. A exposição-venda está aberta ao público das nove da manhã às dezanove horas, de segunda a sábado até 04 de Outubro.

Navegue

www.forcv.com é o site que edita uma equipa chefiada pelo webmaster Alberto Barros Pina, é o maior site da comunidade cabo-verdiana nos Estados Unidos e aposta sobretudo na divulgação de eventos promovidos pela comunidade.

www.artesapato.blogspot.com do artista são-vicentino **Albertino Silva.** É um flog (blog essencialmente de fotografias) com imagens do fantástico trabalho de recicla-



gem feito por ele: sapatos velhos transformados em originais peças de arte.

Para ler ou baixar gratuitamente na Internet obras de Machado de Assis, Joaquim Nabuco, William Shakespeare em português, poesia de Fernando Pessoa e de outros autores de língua portuguesa ou outra, teses e dissertações basta ir ao site www.dominiopublico.gov.br. Um verdadeiro paraíso para quem não tem meios para adquirir livros ou não os encontra no mercado local.

Leia

Notícias Que Fazem História – A Música de Cabo Verde Pela Imprensa ao Longo do Século XX. De Gláucia Nogueira, 2007.

Com a seriedade e o respeito pelos factos que lhe são característicos, Gláucia Nogueira traça uma panorâmica do que sobre a música cabo-verdiana se escreveu na imprensa ao longo de um século. Pesquisadora da música nacional há largos anos, a autora consegue debitar os factos numa escrita clara e precisa que nunca aborrece, pelo contrário em várias passagens chega a emocionar e divertir o leitor.

Lançamento



Depois da Praia, investigador João Lopes Filho lançará em Lisboa, no próximo dia de Outubro, a sua mais recente obra *“Imigrantes em Terra de Emigrantes”*. O evento acontece na Casa Fernando Pessoa, pelas 18h30, e a apresentação estará a cargo de Beatriz Rocha e César Monteiro.

Conceição Queiroz, jornalista da TVI de Portugal e que já trabalhou como directora de informação da TCV em Cabo Verde, lançou em Lisboa o livro *“Serviço de Urgência – Histórias Reais”*. A obra relata, em tom de reportagem, as experiências testemunhadas nas urgências dos hospitais no decorrer do seu trabalho de jornalista, trabalho esse que lhe valeu o prémio AMI – Jornalismo pela indiferença.

Nôs Música no mundo

Cesária Évora vai cantar na Sibéria, a gelida região nortenha da Rússia, no próximo mês de Outubro. Cize actuará nos dias 18, 19 e 20 nas cidades de Vladivostok, Khabarovk e Irkoutsk.



O músico e cantor cabo-verdiano Dany Silva é o cabeça-de-cartaz das comemorações dos 10 anos de geminação entre Albufeira e Sal, actuando hoje, sexta-feira, 28, no Auditório Municipal da cidade algarvia. Este espectáculo, cuja entrada é livre, é o culminar de uma semana de festa luso-cabo-verdiana em Albufeira, que começou, no sábado 22, com uma exposição na Galeria Municipal, sobre os 10 anos de parceria Sal/Albufeira.

Nancy Vieira estará em concerto amanhã, 29, a partir das 22 horas, no Fórum Cultural José Manuel Figueiredo, na Moita, Portugal. É mais um espectáculo de apresentação do mais recente disco da cantora cabo-verdiana, Lus.

Mayra Andrade actua na próxima segunda-feira, 1 de Outubro, às 20h30, no Elmau World Music Festival, na Alemanha. O evento, anual acolhe nesta edição 2007 artistas dos quatro cantos do mundo, entre eles a beninense Angélique Kidjo.

Maria de Barros actua quinta-feira, 4, no 6º Festival de Jazz de Kayenne, na Guiana Francesa, costa atlântica da América do Sul. A cantora cabo-verdiana residente em Los Angeles é citada pela organização desse evento como dona de *“uma voz calorosa e sensual”* e *“presença cénica”* que, com o seu disco *Dança ma mi “nos conduz numa odisseia musical cheia de amor e romance”*.



Espectáculos

Albertino (voz), Totinho (saxofone), Auras (guitarra) e Zeca Couto (piano) dão música de qualidade aos praienses hoje, 28, a partir das 21:00, no Quintal da Música. Morna, coladeira, funaná, entre outros géneros musicais crioulos, compõem o repertório do concerto do quarteto.

Duas gerações de guitarristas, dois estilos é como se pode definir o espectáculo de hoje, 28, no Alta Lua (MindelHotel), com Voginha e Vamar. O convidado da noite é Dany Mariano, músico e compositor de algumas das mais emblemáticas canções crioulas.

Morgadinho e banda actua hoje, 28 de Setembro no Tabanka Mar pelas 22h30. Noite de viagens aos míticos anos 60, quando Morgadinho, Luis Moraes, Chico Serra Djosinha e seus companheiros já davam um outro sabor a mornas e coladeiras. Mas também noite de certezas, uma delas que Morgadinho e sua trompeta continuam a marcar o presente e o futuro da música de Cabo Verde com solos únicos, tal e qual a alma destas ilhas